

A serpente oriental

ROLF KUNTZ



Quem teme ver o Brasil de volta à situação de janeiro, com os preços crescendo mais de 1% ao dia, pode esquecer esse receio e deixar de ser tão otimista. O quadro é diferente, bem pior sob certos aspectos, e não será consertado pela mera indexação da economia. Pelo menos cinco novidades importantes tornam a crise bem mais difícil de administrar:

a) o governo entrou em 1989 com a expectativa de obter mais alguns ganhos no controle das contas públicas. Tinha havido progresso em 1988 e a meta de um déficit global de 2% do Produto Interno Bruto (PIB) era considerada realista. Um objetivo de 5% é visto hoje com desconfiança mesmo pelos otimistas e os últimos cálculos oficiais ainda apontam uma provável perda de arrecadação nos próximos meses;

b) na virada do ano o governo emitia dinheiro principalmente para absorver os dólares do superávit comercial. Nos últimos dois meses, a emissão cresceu apesar da redução do superávit e da sangria de dólares mandados ao exterior. A grande causa da criação de moeda pelo Banco Central tem sido o resgate de títulos do Tesouro, cada vez mais difíceis de vender aos aplicadores financeiros. E o Executivo ainda pretende emitir mais papéis para cobrir parte do déficit da Previdência. Quem quer comprar?;

c) a segura expectativa de exportação em alta e de reservas cambiais em nível razoável foi substituída por um otimismo muito cauteloso.

Para evitar uma crise cambial e impedir o mergulho no pior dos mundos, o governo tem de aumentar mais depressa o valor oficial do dólar e alimentar, portanto, a inflação. Se não sair um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), dificilmente o Brasil receberá novos financiamentos externos de qualquer natureza. Cresce o risco de uma moratória por falta de caixa e não por negociação. A propósito: já se fala em importação de aço para automóveis. Durante muitos anos o Brasil foi exportador;

d) no início do ano, a proximidade das grandes colheitas e a recuperação dos pastos permitiam a esperança de um abastecimento mais regular, com menores pressões sobre o custo de vida. As maiores safras já foram colhidas e os preços agrícolas permanecem firmes. Além disso, agora começa a entressafra tanto para a carne quanto para o leite — e o governo não dispõe de estoques. Resta queimar dólares com importações para facilitar o abastecimento;

e) o rápido esgotamento do Plano Verão ajudou a desmoralizar mais amplamente a política de choques e de pacotes de emergência baixados pelo Executivo. Novos choques, se não forem apoiados por um arranjo político, tenderão a produzir efeitos cada vez menores e por prazos cada vez mais curtos.

A reindexação dos negócios financeiros e de boa parte dos bens e serviços é uma terapia de efeito limitado.

Pode contribuir, no máximo, para frear a corrida aos dólares, ao ouro e aos chamados bens reais. A ampla indexação introduz, em princípio, alguma ordem nos mercados. Se der tudo certo, permitirá moderar, durante algum tempo, o ambiente de salve-se quem puder. Nessa esperança, é claro, está embutido um otimismo considerável. Afinal, está-se tentando impor alguma ordem ao sistema de preços quando a inflação já passa de 20% ao mês, isto é, quando já está superada a marca de 0,6% ao dia. Há algo de insano nesse otimismo. Pretender administrar uma inflação dessas proporções, ao invés de combatê-la, é tarefa para um Indiana Jones. Pode ser

Empresários e políticos não admitem a extensão da crise

o lado desconhecido da personalidade de Mailson da Nóbrega.

Mas os ministros econômicos, é preciso reconhecer, não têm muita escolha. Hoje eles trabalham muito mais como afetuados enfermeiros de um doente terminal do que como médicos empenhados, com esperança, em vencer a doença. Outros ministros não estariam, provavelmente, em melhor situação. Políticos e empresários — não todos, é claro — já reconheceram esse fato, mas não extrairam disso todas as consequências práticas. Fala-se em "solução política", mas não se percebe, ainda, um ambiente de salvação nacional. As iniciativas no Congresso são lentas, embora haja, lá, pelo menos um núcleo de bom senso, como se percebe pelo encaminhamento da Lei de Diretrizes Orçamentárias. Mas há, também, políticos empenhados em extrair do Executivo, quase à força, ajustes cambiais explosivos e medidas especiais para suas clientelas.

A rigor, não se percebe, ainda, uma consciência da real dimensão da crise. As empresas lucram, os consumidores compram, os agricultores têm caixa para segurar seus produtos e esperar sua valorização. Alguns dizem que o Brasil tem uma economia mais forte do que a da Argentina, sem perceber que isso é irrelevante, quando se trata de mergulhar na hiperinflação. Ainda falta algo para todos se assustarem. Está escrito no Nuzhatu-l-Qulub (Deleite dos Corações), um texto persa do século XIII: "Quando a serpente alcança trinta metros de comprimento e cem anos, chamam-na dragão. Ela continua a crescer, até se tornar tão grande que todos os animais terrestres se aterrorizam ao vê-la". Ainda não chegamos lá.

□ Rolf Kuntz é repórter especial e editorialista do Estado.

